



BELA, RECATADA E DO LAR?

REPRESENTAÇÃO DE ANTÍGONA NA TRAGÉDIA GREGA

Beautiful, recharged and housewife? Representation of Antigone in the Greek tragedy

Josiana Barbosa Andrade¹

Resumo

Este artigo tem o propósito de analisar o papel de mulheres como protagonistas na tragédia grega, tendo em vista todo o contexto histórico, e como elas eram representadas na Grécia Antiga. Porém, a análise será direcionada para a personagem Antígona, presente nas peças: *Os sete contra Tebas*, de Ésquilo, *As fenícias*, de Eurípides, e *Antígona*, de Sófocles. Os tragediógrafos retratam a mesma história, entretanto, a personagem, de acordo com cada um, pode ser interpretada de diferentes formas.

Palavras-chave: Tragédia. Mulher. Antígona.

Abstract:

This paper aims to analyze the role of women as protagonists in the Greek tragedy, taking into account the whole historical context, and how they were represented in Ancient Greece. However, the analysis will be directed to the character Antigone, present in the pieces: *The seven against Thebes*, by Aeschylus, *Phoenicians* by Euripides, and *Antigone* by Sophocles. The tragediographers portray the same story, however, the character, according to each, can be interpreted in different ways.

Keywords: Tragedy. Woman. Antigone.

Introdução

Durante toda a história da Grécia Antiga, nem de figurante poderia ser chamada a mulher, pois caracterizava-se a sociedade com um perfil fortemente androcêntrico. Por essa estrada obscura, entretanto, Hélio caminhou com sua carruagem. Logo, pode-se afirmar a ocorrência de uma mudança de estado, uma mudança totalmente contra a ideologia dos atenienses, isto é, o protagonismo da figura feminina na tragédia grega. Mas qual o porquê dessa novidade? Qual é a verdadeira imagem por trás desse espelho? Diante deste cenário,

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas.

portanto, analisarei qual o objetivo de uma peça presente neste quebra-cabeça ser utilizada de modo inverso, como, por exemplo, Antígona,² uma personagem que possuiu presença tanto em Ésquilo, quanto em Sófocles e em Eurípides. Vale ressaltar, porém, que ao começar a análise sobre as Antígonas, os tragediógrafos não aparecerão em ordem cronológica, devido à priorização do assunto abordado.

Ésquilo: Antígona, o rosto bonito?

O ano de 525 a.C não só foi o ano da 63ª Olimpíada, mas foi também o ano do nascimento de Ésquilo na cidade Elêusis, a qual era conhecida como “cidade dos mistérios”, localizada na Ática, a oeste de Atenas. Ele morreu na Sicília, em Gela, em 456 a.C. De acordo com Aristófanes, uma águia teria derrubado uma tartaruga na sua cabeça careca e o levado à morte.

Ésquilo de Elêusis pertencia à nobreza rural, no entanto, em um primeiro momento, ele fora somente um menino religioso nos tempos dos tiranos. Muitos relatos dizem que ele fora combatente tanto na batalha de Maratona (490 a.C) quanto na de Salamina (480 a.C). Diante disso, de acordo com Jaeger, a narrativa do mensageiro de *Os persas* seria uma descrição de uma testemunha autêntica do drama histórico, em que Atenas alicerçou o seu poderio e a sua aspiração nunca realizada de conquistar o domínio da nação. Logo, devido a estas experiências, Ésquilo englobará a sua fé com o direito e a moral humana. Dessa maneira, a tragédia de Ésquilo é a “ressurreição do homem heroico dentro do espírito de liberdade”.³ Por conseguinte, o problema na sua tragédia não é o homem em si, mas o homem portador do destino, isto é, o destino que, de fato, será um dos maiores problemas na tragédia de Ésquilo, a qual está relacionada com a concepção de justiça. Embora, ele tenha escrito aproximadamente 90 tragédias, obteve apenas 13 vitórias. Contemporaneamente, porém, temos acesso apenas às sete restaram, ou seja, menos de 10% de sua obra chegou até nós: *Os persas*, *Os sete contra Tebas*,⁴ *As suplicantes*, *Agamenon*, *As coréofas*, *As eumênides* e *Prometeu acorrentado*.

As personagens de Ésquilo eram movidas pela ordem divina. Apesar de suas obras tratarem, sobretudo, mas não sempre, do coletivo, do público e do Estado, focarei os holofotes na personagem Antígona da tragédia *Os sete contra Tebas*, a última peça que fazia

² Filha de Édipo, o amaldiçoado que desposou a própria mãe. Antígona, portanto, foi gerada a partir de um incesto, e carrega com ela a maldição gerada por seu avô Laio.

³ JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 286.

⁴ ÉSKUULO. *Os sete contra Tebas*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

parte da sequência da trilogia formada por *Laio e Édipo*. A obra retrata a luta de seus dois irmãos, Polinice e Etéocles, pelo trono.

No prólogo, o lugar da exposição, Etéocles faz oferenda aos deuses para que o céu o favoreça. Ao começar o diálogo com um corifeu que, no caso, é uma mulher, porém, não recebe o nome de corifeia, ele diz: “[...] os assuntos exteriores são da competência de um homem. Mulheres não se metam. Trancadas em casa, não prejudicam. Entenderam-me bem ou não me entenderam? Falo a surdas?”.⁵ Em seguida é feita a divisão das sete portas para cada guerreiro, sendo a sétima porta protegida pela divindade Apolo, defendida por Etéocles e atacada por seu irmão Polinice.

Após os irmãos matarem-se um ao outro, a notícia chega até as donzelas, suas irmãs. Diante do ocorrido, a reação de Antígona é a mesma que a de Ismene: ambas lamentam as perdas. Porém, algo fundamental está presente nesta versão de Antígona, isto é, o consolo da irmã, um elemento trazido para que ela não se sinta responsável de primeiro momento pelo lar, ou a substituta da mãe. Fazendo-se um papel de moça insegura, uma representação das deusas vulneráveis,⁶ papel de filha, submissa, a Antígona de Ésquilo reconhece a força divina, quando diz: “Moira de mortal amargura, sagrada sombra de Édipo, negra Erínia de imenso poder!”. Apesar do sofrimento, ela sente-se aliviada, apenas aceitando o fato como uma bela moça tende a se comportar.

No êxodo, a última parte, o Mensageiro dialoga com Antígona, momento em que ela revela-se injustiçada, apesar de reconhecer sua submissão. Mas do que adiante uma nobre declara-se contra as leis dos homens para alguém inferior a ela? Nota-se que ela em momento algum tomou a iniciativa de sair em busca de informações, já que a casa era o lugar seguro para uma moça.

Eurípides: Antígona, a donzela insegura?

De acordo com os cômicos, principalmente Aristófanes, Eurípides nasceu em Salamina em 480 a.C. No entanto, segundo os historiadores, ele teria nascido quatro anos mais tarde. Ele veio de uma família nobre, a qual lhe proporcionou uma ótima educação, em que os responsáveis por ela fora os famosos sofistas. Desse modo, ele é conhecido como o “poeta do iluminismo grego”, pois ele está “impregnado das ideias e da arte retórica dos

⁵ ÉSQUILO, 2011, v. 200.

⁶ BOLEN, J. S. *As deusas e a mulher*. São Paulo: Paulus, 1990.

sofistas”.⁷ Eurípides procurou falar um pouco de tudo, assim, trazendo os não cidadãos para o seu cenário. No entanto, ele fora acusado de ser misógino, devido a sua experiência de dois casamentos fracassados. Dessa forma, será que o protagonismo das mulheres, na maioria de suas obras, possuiu um significado além do que se mostraram as aparências?

As personagens de Eurípedes, diferente das de Ésquilo, eram designadas pelas paixões humanas. Tendo em vista o contexto histórico e as devidas mudanças ocorridas neste período, ele transcreveu o mito para a realidade de seu tempo, pois os homens de Eurípides necessitavam da racionalidade, e sempre que podiam questionavam assuntos religiosos. Da sua vida não sabemos quase nada. Entretanto, dizem que ele escrevia suas tragédias dentro de uma gruta de frente para o mar, porque esta era uma forma sua de se sentir aliviado, ou relaxar, diante de seus problemas. Em 406 a.C ele viajou para Pela, Macedônia, onde fora atacado por um grupo de cães, levando-o à morte, como mencionaram os cômicos.

Das 92 tragédias escritas pelo tragediógrafo, a apenas 18 temos acesso, entre as quais estão *Hipólito*, *Andrômaca*, *Medeia*, *Ifigênia em Áulide*, *As bacantes*, *As troianas* e *As fenícias*.⁸ Destacarei aqui a última citada. Nela estão presentes vários elementos, como o conceito de justiça, a inclusão social e o papel da mulher. No entanto, há uma enorme diferença na *Antígona* de Eurípides comparada à de Ésquilo, pois nesta versão, Jocasta, sua mãe, não se mata após saber que seus filhos eram frutos de um incesto. Logo, esta *Antígona* faz o papel da filha protegida, a qual não tem o dever de preocupar-se com o lar no primeiro momento. A tragédia começa com sua mãe a mandando ir, acompanhada por seu preceptor, para o lugar mais seguro do castelo, isto é, para a torre. Em seguida, Jocasta conversa com o seu querido filho, Polinice, para convencê-lo de desistir da batalha com seu irmão. Embora este tenha ouvido sua mãe, Etéocles não aceita as desculpas do irmão, pois acredita que a justiça está ao seu lado por ele ser o mais forte, conceito com o qual Platão questionará Trasímaco, na sua *República*. Desse modo, a batalha acontece. E não só matam um ao outro, como também ocasionam a morte da mãe, pois Jocasta, com o intuito de impedir o pior, chama *Antígona* para ir ao acampamento militar. Embora com vergonha dos homens, *Antígona* fora, mas ambas não conseguiram chegar à porta de *Electra* a tempo. Por isso, ao

⁷ JAEGER, 2001, p. 386.

⁸ EURÍPIDES. *As fenícias*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

vê-los morrendo, a mãe descontrola-se diante da cena, e com a espada de um deles se mata, enfiando o objeto bélico na garganta.

Momento depois da morte de Jocasta, Antígona diz: “com que melodia, com que lamentos, com que lágrimas, com que prantos, ó casa, casa minha, te chamarei? Três corpos meus, vestidos de sangue”.⁹ Isto simbolicamente significa as três gotas de sangue da primeira menstruação, as três gotas de sangue ao perder a virgindade, as quais são a representação dos primeiros passos para uma mocinha tornar-se uma mulher. Para ela, isso será muito complicado, tendo em vista que até alguns minutos atrás ela era apenas uma princesa, tímida, recatada, que seguia os passos de seu preceptor ou mandados da mãe. No entanto, Etéocles faz um decreto antes da batalha para Creonte, o seu tio, caso ele não sobrevivesse, no qual ordenou que Polinice não recebesse as devidas homenagens fúnebres, uma vez que foi considerado traidor pelo irmão, persuadido por Creonte.

Diante disso, a mais nova pequena mulher, Antígona, sente que é seu dever realizar o sepultamento do seu amado irmão. No seu diálogo com Creonte, pode-se perceber quando diz as seguintes orações: “eu o farei, Creonte. Juro por minha mãe que aqui está”,¹⁰ “permite ao menos que o unte com meus unguentos”.¹¹ Percebe-se que ela projeta as ações de sua mãe no seu novo eu, e não é movida em nome dos deuses, mas por um ser humano. No entanto, não bastou duas frases de Creonte para ela diminuir o tom e colocar-se no seu devido lugar. Em seguida, na última cena, ela resolve acompanhar o pai, para que ele possa dividir seus males com ela, pois isso é uma das soluções que Antígona encontrará: já que ela não conseguirá realizar as devidas homenagens ao irmão, ela procurou buscar refúgio cuidando do pai cego, como forma de consolo devido à sua imaturidade comparada à situação.

Sófocles: Antígona, a protetora do lar?

O mais belo entre os três melhores, o clássico da tragédia grega, Sófocles, nasceu em Colono por volta de 496 a.C. Não diferente dos outros, também pertenceu a uma família nobre. Ele tentou esculpir a perfeição da alma humana. Nas suas tragédias, os elementos religiosos harmonizados com os elementos éticos penetravam-se. É em Sófocles “que culmina a revolução da poesia grega, considerada como o processo de objetivação

⁹ EURÍPIDES, 2011, v. 1500.

¹⁰ EURÍPIDES, 2011, v. 1665.

¹¹ EURÍPIDES, 2011, v. 1665.

progressiva de formação humana”,¹² pois naquela época tanto a poesia quanto a educação estavam intimamente ligadas e direcionadas para o mesmo fim. As suas tragédias retratavam que os homens deveriam ser, sobretudo, pessoas justas. O dramaturgo morreu aos seus 90 anos em Atenas, tendo escrito aproximadamente 113 tragédias e vencido 24 vezes. De todas essas obras escritas, temos acesso ao mesmo número de obras das de Ésquilo, as quais são: *Antígona*,¹³ *Édipo Rei*, *Electra*, *Taquinianas*, *Filoctetes*, *Édipo em Colono* e *Ajax*. As mulheres das peças de Sófocles, muitas vezes, eram movidas por deveres sagrados. Tendo em vista isso, utilizarei a primeira obra citada como arquétipo.

Esta Antígona está totalmente abandonada, a única pessoa com quem ela poderia contar, no caso, Ismene, sua irmã, negou-lhe ajuda no primeiro momento logo no início da obra. A Antígona de Sófocles é a mais madura de todas, pelo fato de ter aprendido a conviver cedo não só com a morte da mãe como também com a desaprovação da irmã. Por isso, ela buscará refúgio no que era considerado sagrado para as mulheres, ou seja, o lar. Dessa maneira, sem a ajuda da irmã, ela saiu da sua zona de proteção, e sepultou o irmão, Polinice. No entanto, as honrarias foram desfeitas pelo guarda, mas ela, persistente, realizou o ato pela segunda vez. O guarda, porém, a pedido de Creonte, o rei, a levou diretamente ao tio. Em seguida, de frente para o rei, com as mãos no rosto, lugar onde estava seu véu, ela responde a seguinte pergunta de Creonte: “e tu, tu que abaixas a cabeça, admites ou negas que procedeste assim?”;¹⁴ sua resposta: “admito, não nego nada”.¹⁵ Ela poderia muito bem dizer que foram os deuses que fizeram o feito, porém ela reafirma seu ato como responsabilidade sua. No entanto, ela responde “a questão que é formulada por outra autoridade e, dessa forma, reconhece a autoridade que esse outro tem sobre ela”.¹⁶ Tendo isso em vista, a afirmação “admito, não nego” de forma alguma tem o mesmo significado de dizer “sim, eu fiz”, pois ela apenas não nega o ato, fato que é diferente da afirmação do ato.

Antígona não foi criada para odiar, mas para amar. Ela acredita que as leis justas eram as leis não escritas. Por isso, o sepultamento, sendo um dever sagrado, é necessariamente, mais justo do que as leis do Estado impostas por Creonte, seu tio. Não obstante, naquele momento o que prevaleceu foi a lei do Estado e, sendo assim, Antígona

¹² JAEGER, 2001, p. 320.

¹³ SÓFOCLES. *Antígona*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

¹⁴ SÓFOCLES, 2013, v. 440.

¹⁵ SÓFOCLES, 2013, v. 440.

¹⁶ BUTLER, J. *O clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte*. Florianópolis: EDUFSC, 2014. p. 26.

fora condenada à morte. Creonte, o rei, mandou levá-la a uma gruta para que ela aos poucos morresse. “Ora, se isto é agradável aos deuses, o sofrimento me ensinará que errei. Mas, se o erro é dele, não poderá padecer mal maior que este me impõe” foi uma das últimas falas de Antígona antes da morte. De acordo com Nicole Loraux,¹⁷ as virgens, por terem menos autonomia do que as esposas, mesmo no universo trágico, não se matam, são mortas. Porém, este não chega a ser o caso de Antígona, pois chegando ao lugar prometido de sua morte, ela resolve inventar a própria morte, matando-se como uma esposa que busca reforços ao enforcamento. O enforcamento naquele tempo era um símbolo da morte feminina, por isso faixas, cordas, lenços e cintos eram objetos com uma dupla função quando utilizados pelas mulheres trágicas: elas usavam tanto como instrumentos de sedução, quanto como instrumentos para o suicídio.

Considerações finais

As Antígonas, portanto, possuem ideais diferentes, de acordo com as virtudes de seus criadores. A causa da reflexão, da caracterização dos personagens, do cenário em si na tragédia descrita por cada tragediógrafo, teve como inspiração e modelo, com enorme probabilidade, o contexto histórico de cada dramaturgo daquele tempo. Por isso, diante de uma visão panorâmica, e pondo lado a lado das distintas Antígonas, temos os seguintes resultados: a Antígona primeira não saiu do lugar denominado seu por direito, e igualmente não violou nenhuma lei; logo, continuou viva. A Antígona segunda, diferentemente da primeira, saiu de casa por causa da mãe. No entanto, ela não concretizou o ato ilegal. Por isso, com pequenas penalidades, teve o direito de viver. A Antígona terceira, diferentemente tanto da primeira quanto da segunda, saiu de casa por conta própria, movida pela parte da alma irracional, cometeu um crime imperdoável; logo, em consequência disso, ela teve seu direito de viver interrompido.

Assim como os mensageiros traziam as notícias das mortes das mulheres na tragédia grega, eu trarei um dos motivos pelos quais ocorriam essas mortes no teatro em que era permitida a entrada de mulheres. Tendo em vista isso, as mortes trágicas de mulheres serviam como modelo ou como uma forma de educar o comportamento “certo” para as mães, esposas e filhas, com o objetivo de reafirmar para elas: se você não segue as leis, elas

¹⁷ LOURAU, N. *Maneiras trágicas de matar uma mulher: imaginário da Grécia Antiga*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

mostraram qual caminho você deve seguir. A tragédia é um espetáculo para os olhos, como disse Loraux, e utiliza não só uma escrita técnica para um ótimo discurso audível, como também a linguagem corporal e ação simbólica.

Mesmo a mulher recebendo um papel protagonista, os seus passos não faziam outro caminho que não fosse direcionado para a submissão, é como se isso fosse afirmado por um oráculo. Desse modo, o melhor exemplo é a Antígona de Sófocles que se espelhou na Deusa Atena durante a maior parte, e morre no final como uma protetora do lar humana, isto é, mulher submissa. A única que não seguiu esses padrões fora a esposa de Menelau, a Helena de Eurípides, ressaltando que ela em outras versões representava uma espartana. Mas qual a relação do deus Dionísio, o deus homenageado no festival em que a tragédia estava inserida, com as mulheres trágicas? Se o deus do vinho por muitos era considerado um deus descontrolado, embriagado, pode-se dizer que a mulher da Grécia Antiga era motivada pelas paixões, as quais estão relacionadas com o prazer e com a vontade descontrolada, fatos considerados irracionais em si. Desse modo, o homem, por ser animado pela razão, não pode se revestir de algo que não seja motivado pela racionalidade, pois já existe um ser com essa vestimenta, ou seja, a mulher. Por isso, coube a elas um papel protagonista, pois nele certamente era fundamental ter a presença ou ser movido por algo emocional para alcançar em certo nível um significado, e como o homem é um ser racional, representar um ser não racional não caberia a ele.

Referências

BOLEN, J. S. *As deusas e a mulher*. São Paulo: Paulus, 1990.

BUTLER, J. *O clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte*. Florianópolis: EDUFSC, 2014.

ÉSQUILO. *Os sete contra Tebas*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

EURÍPIDES. *As fenícias*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

JAEGGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOURAUX, N. *Maneiras trágicas de matar uma mulher: imaginário da Grécia Antiga*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

SÓFOCLES. *Antígona*. Porto Alegre: L&PM, 2013.